

V Conferência da ABR - Porto Galinhas

Foi um enorme sucesso de conteúdo e de público a V Conferência Nacional da Academia Brasileira de Reumatologia ABR- realizada na gestão do Prof. Adil M. Samara. Além de grande número de acadêmicos da ABR estiveram presentes inúmeros convidados que foram atraídos pela magnífica programação cultural.

A V Conferência Nacional foi realizada em 05/09/2003, na paradisíaca região de Porto de Galinhas, Pernambuco, durante a Jornada Brasileira de Reumatologia, e Jornada Norte – Nordeste (ambas sob a presidência do Dr. Fernando Cavalcanti – presidente eleito da Sociedade Brasileira de Reumatologia do próximo biênio) e foi um enorme acontecimento científico e social.

O ambiente cultural dominou a Jornada, que inovou, no ato inaugural, com uma conferência-poema sobre Dor-quinto sinal vital, tema da Jornada, apresentado pelo colega Fernando Neubarth, veterano editor do Boletim da SBR, presidente, em segunda gestão, da Sociedade Gaúcha de Reumatologia e admirador de Jorge Borges. Evocou a antiga forma de bom relacionamento médico-paciente que, por si só, mitigava a dor, mesmo com medicamentos menos potentes, relembrando a figura de seu avô, médico de família, nos Pampas.

A outra inovação foi a presença do médico e musicólogo pernambucano, Dr Reinaldo de Oliveira, cirurgião vascular e diretor do Teatro Waldemar de Oliveira, que com sua grande verve e capacidade de repercutir os compassos de uma música na base de sons guturais, contou a história do Frevo em Pernambuco, relembrando várias figuras legendárias de autores, inclusive seu pai, autor de vários frevos.

Esse ambiente cultural do evento fez com que um grande público viesse assistí-lo.

As duas tertúlias programadas para a V Conferência Nacional da Academia Brasileira de Reumatologia ABR foram: "Compositores famosos, suas doenças e suas músicas", a cargo do Prof. Hilton Seda; e "A transcendência de Saint-Germain", a cargo do Prof. João Francisco Marques Neto. Fica comprovado, definitivamente, que existe uma formação humanística e cultural na nossa liderança reumatológica, que esse Boletim procura expressar.

É evidente que não existe a possibilidade de transmitir a riqueza de conteúdo que foram essas duas tertúlias acadêmicas, mas, o editor se desculpando da ousadia e baseando-se em fontes fornecidas pelos expositores, escreveu resumos que estão nas páginas 3 e 4.

PIONEIRO



Membro Titular da Cadeira n. 30 da Academia Brasileira de Reumatologia

Dentro do clima cultural desenvolvido na Jornada Norte-Nordeste em Porto de Galinhas, também foi homenageado o Prof. Dr. Geraldo Gomes de Freitas, fundador de um dos primeiros cursos de Reumatologia do Brasil na Universidade de Pernambuco e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Reumatologia e da Academia Brasileira de Reumatologia, sendo que também foi novamente homenageado na Reunião Comemorativa dos 50º da Sociedade Paulista de Reumatologia, em Dezembro de 2003. Nessa ocasião apresentou um documento histórico que pode ser visto no Site da Academia Brasileira de Reumatologia: www.academiareumatol.com.br



O Dr. Geraldo da Rocha Castelar Pinheiro será o presidente do XXV Congresso Brasileiro de Reumatologia a se realizar, no Rio de Janeiro, de 8 a 11 de Outubro de 2004, no Hotel Inter-Continental. O tema central do Congresso será: "Reumatologia de Hoje: da Patogênica ao Tratamento". O acadêmico Hilton Seda será o presidente de honra do Congresso. O presidente executivo do Congresso, já criou um espaço para a Academia Brasileira de Reumatologia que será coordenado pelos professores Adil M. Samara e Roberto A. Carneiro. Essa é a primeira vez que, na preparação do Congresso Brasileiro, já existe um espaço para a Academia.

Rio de Janeiro
8 a 11.Out
2004

A opção médica de nossos governantes

Prof. Dr. Adil Muhib Samara - Presidente



Até a primeira metade do século passado, o médico era também conselheiro da família, sob muitos aspectos; sua mente era privilegiada e suas mãos inconspicíveis. Quase sempre era dele a decisão final sobre qual a melhor conduta ética, moral e social, fosse ela qual fosse.

A medicina cresceu, e com ela cresceu também o abuso do exercício médico, numa medida tal que impôs a existência, em boa hora, dos Conselhos de Medicina. Era preciso administrar os atos profissionais que excediam aos preceitos da conduta médica, melhor dizendo, que fugissem aos bem ditos cânones hipocráticos, que, salvo algumas imperfeições para os nossos dias, guarda uma certa modernidade. Se professado lealmente, não precisaria a medicina ser regida por nenhum Conselho salvo o da consciência do dever cumprido.

Infortunadamente o Conselho Regional de Medicina rege somente aos médicos, aqueles sujeitos a uma medicina convencional, dentro por conseguinte de padrões e conceitos mais ou menos consagrados pela moral e ética médicas. Escusado é dizer que tais padrões vão sendo constantemente moldados para estarem de acordo com o progresso da ciência através dos tempos. Se bem assim não fosse, como aceitar em nossos dias os transplantes de órgãos, os bebês de proveta, exemplos flagrantes de mudanças necessárias naqueles cânones médicos.

Há julgamentos, contudo, que escapam ao Conselho. Refiro-me à medicina não convencional, que uma vez não exercida por médicos, não é tenazmente por ele capturada. Medidas de valor frequentemente questionáveis, dentre elas, homeopatia, acupuntura, farmácias de manipulação que a pedido médico, colocam alguns princípios ativos numa única cápsula sem confiar se viáveis ou não, dietas especiais de efeitos medicamentosos sobre câncer, celulite etc. Uma medicina oriental milenar anda muito em moda entre nós e contra a qual eu nada tenho, porém reconheço desde logo ser ela por vezes absolutamente sensacionalista e sedutora.

Uma simples consulta à história da medicina convencional revela que não foram poucos os médicos que fizeram autênticos milagres e nem por isto foram alvos deste tal noticiário. Muito ao contrário o que sempre os caracterizou em suas descobertas médicas foram a modéstia, sobriedade e moderação, pois eles sabem, que uma verdade científica é substituída ou acrescida de outra verdade logo depois, em outras palavras, elas são frequentemente transitórias.

Juda Folkman quando perguntado pelo repórter se havia descoberto a cura do câncer, respondera bem assim: - se o senhor for um rato e tiver um

câncer eu posso tentar.

E para não mais me estender sobre um número infinitamente grande de exemplos como este é bom saber que os últimos prêmios nobéis de medicina Daussê, Vane, Fleming, Samuelson são irritantemente sóbrios e modestos para quem como eu tive o privilégio de conhecê-los.

O que me preocupa sobre aquela medicina oriental milenar, não é ela, mas quem a pratica, possivelmente sem conhecê-la em toda sua extensão. O pior é o respaldo que ela encontra na população leiga e até entre nossos governantes, posto que ela é quase sempre cercada por um misticismo atroz e não organicista.

Primeiramente foi o presidente Figueiredo que semanalmente vinha a São Paulo acompanhado da sua côrte, tratar-se de uma lombalgia. Depois o Governador Geraldo Alckimin que ao que tudo indica pelo noticiário, sofre de um quadro que me pareceu fibromialgia, e em tratamento com um destes orientais famosos em São Paulo. Diga-se antes que, enquanto médico, o governador fora anestesista, portanto, inteiramente relacionado com a queixa de dor e os meios de eficazmente bem combatê-la. Agora por último me aparece o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva tratando também com aquela medicina oriental, segundo eu soube pelo jornais e revistas, de uma bursite de vinte anos, coisa jamais vista em compêndios médicos que tratam deste tema.

É incrível como estes três ilustres governantes se prestam à propaganda fácil, sedutora e, por vezes, enganosa de seus assistentes. Imagino que são por eles tentados a fazê-lo, pois, uma oportunidade destas, sob nenhuma hipótese, ou pretexto pode ser descartada.

Vejam agora, sob um ou outro ângulo, o efeito desastroso que isto pode ter na população enferma que há de procurar um destes sábios e sua prática a resolução da sua dor. A palavra de ordem é de pessoas que são por assim dizer exemplos a serem seguidos pelos demais. Por isto mesmo foram eleitos governantes.

Médicos sabem dos possíveis enganos e riscos destes três exemplos, pois a dor é apenas um sinal que reflete um problema meramente músculo esquelético, mas também uma infinidade de outras situações clínicas, incluindo-se dentre elas o câncer, que por nossa sorte e graça de Deus eles não devem ter.

Boletim Acadêmico
Órgão Oficial da Academia
Brasileira de Reumatologia

DIRETORIA BIÊNIO 2002-2004

PRESIDENTE

Adil Muhib Samara

1º VICE - PRESIDENTE

José Luciano Fracasso

2º VICE - PRESIDENTE

Antonio Carlos Ximenes

3º VICE - PRESIDENTE

Walber Pinto Vieira

4º VICE - PRESIDENTE

Elizia Fernandes Lima

SECRETÁRIO GERAL

Henrique Josef

1º SECRETÁRIO

João Francisco Marques Neto

TESOUREIRO

José Roberto Provenza

DIRETOR CIENTÍFICO/EVENTOS

Aloysio João Fellet

CONSELHO DELIBERATIVO

MEMBROS DA DIRETORIA EX - PRESIDENTES

Caio Vilela Nunes

Roberto Carneiro

Aloysio Fellet

Rubem Lederman

Geraldo W. S. Gonçalves

Ueliton Vianna

Lipe Goldenstein

MEMBROS CONSELHEIROS

Geraldo Gonçalves

Geraldo G. Freitas

Aquiles de Almeida Cruz Filho

Hilton Seda

Caio Moreira

BOLETIM ACADÊMICO

CONSELHO EDITORIAL

José Knoplich

Roberto Carneiro

Ueliton Vianna

SITE DA ACADEMIA

<http://www.academiareumatol.com.br>

SEDE PROVISÓRIA

Rua Emilio Ribas, 765 - Cj.51

Cambuí - CEP 13025-141

Campinas - SP

Tels: (19) 3251 9731 - 3255 6731

Fax: 3294 7142



BOLETIM
DA ACADEMIA
BRASILEIRA
DE REUMATOLOGIA

Editado Pela Medgraf
(11) 3662-2444

Schumann amor e loucura

Robert Alexander Schumann nasceu a 8 de junho de 1810, em Zwickau, Baixa Saxônia, Alemanha. Leitor insaciável, “devorou” os poetas e romancistas alemães românticos.

Aos sete anos seu pai providenciou para que estudasse órgão na igreja local. Meses mais tarde, já escrevia músicas para danças. Quando tinha quinze anos, sua irmã, Emília, mentalmente enferma, suicidou-se num acesso de loucura. O pai, cuja saúde não estava bem, faleceu no mesmo ano. De um só golpe, o jovem Schumann perdia sua irmã, que amava ternamente, e seu pai, seu mais fiel amigo. Profundamente abatido, entregou-se à melancolia, à passividade, a pressentimentos mórbidos. Em 1828, Schumann tornou-se aluno de Friedrich Wieck, um famoso professor de piano, e pai de Clara, uma talentosa menina de nove anos, virtuose do piano. Em 1830, quando optou pela música, Schumann foi morar na casa dos Wieck e o seu contato com Clara, então com onze anos, tornou-se cotidiano. O amor entre Robert e Clara despontava definitivamente. Ele tinha 25 anos; ela, apenas dezesseis. Ainda, Friedrich Wieck, certamente guiado pelo egoísmo próprio de um pai de uma criança prodígio, opôs-se logo desde o início ao romance entre sua filha e seu melhor aluno. Wieck, de forma alguma, admitia que sua filha se casasse, tivesse filhos, fosse uma mulher comum. Para ele, Clara era um gênio musical, uma criatura fora dos padrões de normalidade burguesa,

que feneceria se tivesse que viver com qualquer um. Proibiu-a de se comunicar com o compositor que precisou abrir uma demanda judicial contra o sogro e depois de quatro anos, ganhou a causa e em 1840, casou-se com Clara.

Apesar de todo o desgaste com o conflito, Schumann não deixava de compor. Seu ritmo de trabalho, normalmente muito intenso, às vezes tornava-se frenético. Disso resultariam três crises nervosas muito sérias em 1843, 1844 e em 1847. Estas crises eram o prelúdio da loucura que marcaria seus últimos anos. Em 1851, Schumann teve graves problemas com os músicos da orquestra que dirigia, devido a sua instabilidade emocional. Em 1853, começa a ter alucinações auditivas, ouvindo incessantemente a nota “lá”; a isso juntavam-se a dificuldade de fala e a melancolia.

Em 1854, pede para ser internado num asilo de alienados. Poucos dias depois, a 27 de fevereiro, tenta o suicídio, atirando-se às águas do rio Reno. Salvo por barqueiros, é conduzido ao asilo de Enderich, próximo de Bonn.

Os pesquisadores afirmam que a demência de Schumann seria decorrente de uma mal curada sífilis terciária, que o próprio compositor admitiu ter contraído em seus anos de juventude.

Clara testemunha seus últimos momentos de consciência: “Ele me sorriu e com grande esforço me enlaçou em seus braços. Eu não trocava esse abraço por todos os



tesouros do mundo”. A 29 de julho, o compositor expira, aos 46 anos.

Clara Schumann não foi só a maior pianista da Alemanha, mas também a melhor pianista de sua época. Além do grande talento como intérprete, distinguiu-se como compositora, recebendo elogios de Liszt. Clara continua sua carreira de pianista e, aos poucos, seus filhos foram se emancipando. A amizade com Brahms passa por períodos de brigas e retornos cheios de ternura. Aos 61 anos, acha que nunca tivera melhor senso crítico e nunca tocara tão bem em toda a sua vida. Em Londres, passa a ser membro da Royal Academy of Music. Marcou seu último concerto para o dia 12 de março de 1891 e nunca mais tocou em público.

Na noite de 21 de maio de 1896 – aos 76 anos – Clara Schumann morreu rodeada por dois filhos e um neto. Tiveram nove filhos (sendo que em 1847, um morreu com dezoito meses), em 17 anos de casamento.

Resumo da apresentação do Prof. Dr. Hilton Seda, sem a sua revisão, baseado em notas e referências, citadas na palestra

TECNOLOGIA

Transgênicos e confusão no Brasil

Os reumatologistas foram surpreendidos, desde 1999, pela presença revolucionária, no tratamento da artrite reumatóide, de um anticorpo monoclonal, transgênico, quimérico, contra o fator de necrose tumoral humano alfa (TNF-alfa).

Essa designação de quimérico, significa, que toma a fantasia como realidade. O anticorpo foi preparado, no rato, contra um fator humano, graças à biotecnologia genética.

Esse é um processo complexo de bioengenharia no gene, o qual, com certeza, não entendemos, mas, aplaudimos. A soja transgênica tem sementes que produzem um cereal mais resistente a pragas, permitindo fornecer mais proteína aos famintos do mundo.

O Parlamento Europeu, encerrou a maratona de vários anos de estudos sobre a soja transgênica, aprovando, em dezembro de 2002, por ampla maioria, a orientação de

que todos os países-membros devem encarar os transgênicos por um prisma, mais positivo e promissor, sem abandonar a prudência do controle social e científico deles.

A orientação do Parlamento Europeu vai além: quer o tema melhor tratado nas escolas, a ampliação do ensino de biologia, principalmente, em relação à genômica e à microbiologia. Acentua, corretamente, que os produtos transgênicos, por si só, não eliminarão a fome, embora, possam concorrer para isso à medida que se insiram em uma concepção muito maior de distribuição de renda e de alimentos em todo o mundo.

Mais, os transgênicos, em suas várias modalidades, podem, inclusive, se converter em peça importante na defesa e na recuperação do próprio ambiente.

Como diz o Senador Roberto Freire, PPS, nome atual do ex Partido Comunista do Bra-

sil: “O governo brasileiro não pode analisar os transgênicos pelo prisma ideológico. Por exemplo, se quisermos resolver o problema da grave falta conjuntural de milho no país, que é da ordem de 3 milhões de toneladas, só temos duas saídas, possíveis: EUA e Argentina. E o produto disponível é todo geneticamente modificado.”

O argumento de parte do PT ideológico é que a pressão pela liberação da soja transgênica, que representa um mercado de bilhões de dólares, é propriedade exclusiva de uma firma americana.

Os do PT afirmam que a fome é consequência da má distribuição de recursos e não da produção de alimentos. Ainda existe o argumento do Princípio da Precaução, (o ônus da prova sobre a inocuidade dos transgênicos é de quem os produz e não de quem os combate). Qual é a sua opinião?

A Transcendência de Saint Germain

Há mais de 50 mil anos, uma civilização da era de ouro florescia num país fértil de clima subtropical que corresponde ao que é hoje o deserto do Saara. Abundava ali grande paz, alegria e prosperidade e o povo era governado, com suprema sabedoria, por Saint Germain. A maioria de seus súditos detinha o pleno uso, consciente, de sabedoria e do poder de Deus.

Possuíam faculdades que, hoje, pareceriam sobre-humanas ou milagrosas. Saint Germain era um mestre da sabedoria e do conhecimento. Governava com Luz todos os setores da vida, e seu império atingiu um ápice de beleza, simetria e sabedoria.

O povo considerava o seu hierarca como a mais alta expressão de Deus a quem aspiravam imitar. Mas, com o passar dos tempos, uma parte dessas pessoas, trocou essa adoração no plano criativo do grande Eu Divino, por prazeres passageiros dos sentidos.

Os governantes entenderam que deveriam se retirar e deixar o povo aprender por dura experiência própria que toda a alegria e bondade em que viviam provinham do Deus interior, e que para voltarem a serem felizes teriam que retornar à Luz.

O governante, Sanat Kumara, informou essa intenção aos 576 convidados num jantar, em que receberam um cálice de cristal - o cálice eucarístico de Saint Germain, que oferecia a própria essência da Luz aos que haviam servido fielmente o reino para a glória de Deus, e que ao beberem o seu conteúdo nunca esqueceriam a Centelha Divina do Eu Divino, e continuariam a viver através dos séculos, até que esses servidores fariam parte de novo de uma civilização em que receberiam todo o conhecimento necessário

para buscarem a União Divina.

Esse mestre - Cohan teve sucessivas encarnações passando por várias vidas e, como sempre, sofrendo rejeições, apesar de trazer a Luz. Encarnou no Profeta Samuel, São José, soldado Albano, Proclus, Merlin, Roger Bacon (filósofo 1214-1294), Cristovão Colombo, Francis Bacon (1561-1626).

Jesus lavou os pés de seus discípulos e curou-os. E o Buda ensinou que as amizades eram a chave para o êxito no caminho espiritual. Confúcio incentivava seus discípulos a encontrar bons amigos: Onde estaríamos sem amigos? Eles nos apoiam de forma que jamais poderemos compreender. À medida que o vínculo torna-se profundo nós obtemos força de cada amizade. E o Amor que damos e recebemos permite-nos crescer e alcançar nossas metas.

Qualquer coisa é possível quando temos amigos grandiosos. As comunidades de amigos podem mudar o mundo, especialmente quando unimos forças com amigos que têm uma influência extraordinária.

Tens meditado, conectado com tua crença interna e experimentado a paz, mas não fizeste isto sozinho. Teus Amigos, nas alturas, estiveram guiando-te, inspirando-te e protegendo-te. Saint Germain, Kuthumi, El Morya, Afra, Mãe Maria, Santa Teresa de Ávila, São Miguel Arcanjo, Moises, Lao Tzu, Cunfúcio, Kuan Yin e Jesus para nomear alguns.

Os Mestres Ascensos têm se comunicado com a humanidade por milhares de anos

No Antigo e no Novo Testamento presenças angélicas e seres celestiais transmitem para os profetas a Palavra do Senhor, trazendo mensagens de consolo e adver-

tência para o povo de Israel.

Mas as profecias não pararam no Antigo Testamento, nem as revelações cessaram com a mensagem de Jesus a João no Livro do Apocalipse. Através dos séculos, mensageiros de diversas culturas ouviram e transmitiram a Palavra de Deus.

Os Mestres Ascensos foram pessoas como nós, que estiveram na Terra e passaram pelos mesmos testes de alma. Tendo passado com êxito nas iniciações e provas da vida e ascendido à Presença de Deus tal como aconteceu a Jesus. Esses Mestres sabem com o que temos de lidar em nossa vida diária. Como compassivos irmãos e irmãs mais velhos que venceram os testes da vida, querem nos ajudar a adquirir mestria na vida da Terra e a retornar a Deus.

Saint Germain, em especial, é uma presença majestosa, força todos a se curvarem. Teve muitas encarnações nesse mundo com um avatar. É de origem húngara e viveu nas montanhas Vadja Hunyad (Transilvânia), hoje é Monte Chasta. Tendo sido, no séc. XIV, Cristian Rosenkreuz, que teve sua última encarnação como o Conde de Saint Germain, vivendo nas cortes da Europa. Utilizava seus poderes adquiridos anteriormente, como línguas vivas e mortas, alquimia, música e bilocação (estando em dois lugares ao mesmo tempo). Utilizando o corpo causal, não necessitava de comida ou bebida, mesmo participando de diversos eventos sociais nas cortes europeias, fato que chamava muita atenção.

Resumo da apresentação do Prof. Dr. João Francisco Marques Neto, sem a sua revisão, baseado em notas e referências, citadas na palestra

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Faculdades de medicina do Brasil

No número anterior do Boletim da ABR foi informado que existiam, em Novembro/2002, 116 faculdades de Medicina, no Brasil, sendo que 58 eram faculdades públicas, as quais formam 5381 médicos, por ano, e, 58 destas faculdades de medicina são particulares formando 5590 médicos, por ano, no Brasil. Já existem autorizadas, porém, para 2003/

2004, mais 14 faculdades de medicina, sendo que 5 destas, que estão atuando em Minas Gerais, não foram autorizadas, mas, já formaram a primeira turma, e o Conselho Regional de Medicina, deste estado, não está reconhecendo o diploma desses alunos. Em São Paulo existem 17 faculdades de Medicina particulares, 28,5% do total das faculdades

particulares de Medicina do Brasil, tendo sido autorizadas mais 180 vagas para 2004 de 2 faculdades particulares. O estado de São Paulo já tem um médico para cada 433 habitantes e a cidade de São Paulo tem um médico para cada 264 habitantes, quando a Organização Mundial da Saúde sugere que o número ideal seja um médico para cada mil habitantes.

Charlatanismo: metafísica e mágica

Prof. Dr. James Harvey Young

Charlatanismo costumava ser um termo pejorativo usado para descrever o curandeirismo. À medida que o curandeirismo foi se tornando mais popular, as classes sociais mais pobres passaram a chamar esses métodos “charlatanescos” de medicina alternativa e os que a praticam chamam-na de medicina complementar.

O charlatanismo geralmente envolve a integração da metafísica (poderes além das realidades físicas, palpáveis) com coisas como magia simpática (que é baseada na idéia de que tocar num objeto pertencente a uma pessoa resulta num contato mágico com ela) ou espiritualismo (contato com o seu espírito atual ou do passado), todos usados no processo de cura. O que falta ao charlatanismo, em matéria de estudos científicos, lhe sobra, em porções generosas de cuidados e superdoses de esperanças, aos doentes.

Para evitar problemas de semântica, o charlatanismo deveria ser amplamente definido como “qualquer coisa na área da saúde que esteja envolvida com superpromoção”. Esta definição incluiria idéias questionáveis, bem como produtos e serviços questionáveis, apesar da sinceridade de seus divulgadores. Em sintonia com esta definição, a pa-

lavra “fraude” estaria reservada somente para as situações nas quais houvesse má-fé, da pessoa que a pratica.

Métodos não comprovados não estão necessariamente envolvidos com o charlatanismo. Aqueles consistentes, com conceitos científicos, estabelecidos podem ser considerados experimentais. Pesquisadores e profissionais legítimos não promovem no mercado procedimentos não com-

provados, mas, se empenham em estudos responsáveis devidamente planejados. Métodos não compatíveis com conceitos científicos estabelecidos devem ser classificados como absurdos ou refutáveis ao invés de experimentais.

O charlatanismo não é um fenômeno do “tudo ou nada”. Um profissional pode ser científico, em muitos aspectos, e, apenas, minimamente envolvido em práticas não científicas.

James Harvey Young é professor aposentado de história da medicina da Universidade Emory, cujo principal interesse está na história do charlatanismo nos Estados Unidos. Escreveu vários livros: *As Poções Milionárias*, *Os Médicos Messiânicos* e *Charlatanismo Médico* nos Estados Unidos. Este artigo foi reproduzido de “Os Ladrões da Saúde”. Prometheus Books, New York, 1993.

O termo charlatão vem do italiano ciarlatano, e significa aquele que passa pelo que não é. Era aquele que discursava nas praças vendendo remédios miraculosos. Seria o cruzamento do termo ciarlare, do chalar dos pássaros, com cerratano, vendedor ambulante. Esta mesma origem da voz das aves inspirou a expressão “quackery” do inglês, que se originou do termo onomatopéico “quack”, ou, o grasnar do pato. Poderíamos falar em “apregoador” de efeitos não comprovados.

Quackery é o nome de um site em 4 línguas, inclusive em português, que pretende ser um guia contra o charlatanismo, curandeirismo, homeopatia, fraudes na saúde, realizado pelo autor para a tomada de decisões inteligentes nos tratamentos pelos pacientes. É dirigido pelo médico psiquiatra, americano, Stephen Barrett, formado há 48 anos. Ver <http://www.geocities.com/quackwatch/>

Técnica da magia

Prof. Renato Ortiz

Os feiticeiros não sabem o que estão dizendo e, simplesmente, transmitem pedaços de uma cultura repassada que lhes é alheia, tudo é indecifrável, mas, é a repetição, o cantochão (canto repetido, monótono) mágico que conta, imergindo-nos numa mesma totalidade, num mesmo universo de crenças. No entanto, os feiticeiros se equivocam, cometem erros; por que, então, acreditar em seus prognósticos? Retomo de Marcel Mauss (sociólogo e antropólogo francês (1872-1950) umas idéias que ele desenvolveu, ao trabalhar com as sociedades antigas, tribais, a qual é esclarecedora. A magia é, antes de mais nada, um ato técnico, digo isso num sentido preciso: trata-se de interpretar o mundo dos espíritos visando a obtenção de um resultado.

Ela é, portanto, utilitária, o que fez com que muitos a vejam como precursora do raciocínio científico. Por exemplo, a morte de meu vizinho ou a realização de uma demanda qual-

quer (a cura de uma doença). O feiticeiro, ao ser consultado, atende o pedido de um cliente e, com base no saber tradicional, formula as prescrições a serem seguidas.

Cada ato mágico é singular, único, devendo ser meticulosamente encenado: utilização de determinadas ervas, sacrifício de animais, jejum, às vezes castigos corporais, respeito às fases da lua, etc... Seu êxito depende dessas minúcias. Para que as coisas dêem certo, é necessário realizá-lo da maneira mais adequada possível. Entretanto, caso nada resulte de concreto, o que ocorre com frequência, tanto o feiticeiro quanto o cliente não desistem, eles atribuem a falha não ao sistema de crenças, mas, sim, a algum problema ocorrido na sua efetivação – as ervas empregadas estavam estragadas, o horário escolhido não foi condizente com as fases da Lua, o sacrifício foi mal feito, etc... O objetivo não alcançado requer, portanto, uma nova

investida, uma outra metodologia, claro, agora envolvida por maiores cuidados. O fracasso reforça a credibilidade da crença mágica, pois, o erro é visto como uma performance incompleta do que nunca deveria ter acontecido.

O mesmo feiticeiro, apesar das derrotas passadas, pode, inclusive, voltar à carga, ele precisa, simplesmente, apresentar outras prescrições que corrijam os desmandos anteriores.

Quanto mais as falhas surgem, mais acreditamos no seu encantamento. Uma lógica infalível, tautológica (vício de linguagem que consiste em dizer, por formas diversas, sempre a mesma coisa), reforçando a credence planetarizada e alimentando a mitologia de um imaginário internacional-popular.

Renato Ortiz é professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), autor de “Cultura e Modernidade” (ed. Brasiliense).

Cândido Portinari pinta pés e mãos agigantados

Há 100 anos, no dia 30 de dezembro de 1903, nascia Cândido Portinari, numa fazenda de café, em Brodósqui, no interior de São Paulo. Filho de imigrantes italianos, de origem humilde, recebe apenas a instrução primária e desde criança manifesta sua vocação artística.

Aos 15 anos vai para o Rio de Janeiro, em busca de um aprendizado mais sistemático em pintura, matriculando-se na Escola Nacional de Belas Artes. A obra de Portinari é vasta e rica. Seus painéis e murais, assim como, o conjunto arquitetônico da Pampulha, são destaques em sua produção. Algumas de suas obras no exterior, como os afrescos na sala hispânica da Biblioteca do Congresso, em Washington e o painel “Guerra e Paz”, no prédio da ONU, em Nova York, constituem patrimônio da humanidade. Praticamente todos os principais museus internacionais têm em seus acervos suas obras. Uma extensa produção artística, de mais de cinco mil obras, que vão de pequenos desenhos a grandes murais, transformou-o num dos maiores pintores do Brasil. Sua obra é uma ampla síntese crítica de todos os aspectos da vida brasileira: os

temas religiosos, os tipos populares, a festa do povo, a infância, o trabalho no campo e na cidade, a paisagem, etc.

No entanto, mais de 95% da obra de Portinari está inacessível à visitação pública, pois está em acervos particulares e em bancos. Sua inspiração foi a terra brasileira e sua cidade natal concentrando-se no homem e nos problemas sociais. Pintou também gente deformada, pés e mãos agigantados, uma alusão ao contato com a terra.

A pobreza também fez parte de sua vida. Conta-se que, em Paris, no ano de 1946, visitando exposição de Portinari, o Duque de Windsor vendo aqueles nordestinos flagelados, lavadeiras de mãos ossudas, crianças descalças perguntou: “O senhor não pinta flores?”. Portinari respondeu: “Flores, não. Só miséria”.

Em 1936 projeta-se nos Estados Unidos, onde executa os murais do Pavilhão Brasileiro, na Exposição Mundial de Nova York, e os da Biblioteca do Congresso, em Washington. Na década de 1940, Portinari retrata o mundo em guerra, a seca do Nordeste matando crianças e camponeses e pinta a Série Retirante, com personagens esqueléticos, famélicos e mal-

trapilhos. Militante do Partido Comunista, põe os pincéis a serviço da causa socialista. Em 1945 se candidata a deputado, e em 1947, a senador, mas, perde as eleições.

Em 40 anos de trabalho, com tintas e produtos que continham chumbo passou a ter problemas hepáticos devido à intoxicação. Morreu em fevereiro de 1962, aos 59 anos. Ficaram as imagens do homem de “mãos-de-olhos-azuis”, como dizia Carlos Drummond de Andrade.



Frevó, 1956

Arte e Ciência

A personalidade dos cientistas e dos artistas mostram que eles têm em comum a paixão pelo trabalho, um caráter compulsivo e necessidades interiores muito variadas.

Quando se pergunta a artistas e cientistas por que fazem o que fazem e o que causa essa dedicação à tarefa, as respostas podem ser, mais ou menos, sinceras ou fantasiosas, mas, em geral, dizem que o fazem por uma espécie de imperiosa necessidade de agir assim, ou atribuem a uma autêntica vocação que se converteu numa forma de ser e estar no mundo.

Em 1985, o jornal francês “Libération” publicou um suplemento especial com a resposta de 400 escritores, de 80 países, e de 28 línguas diferentes que responderam à pergunta: Por que você escreve? “Não sei”, respondeu, lacônico, Juan Rulfo. “Para que meus amigos gostem de mim”, disse Gabriel García Márquez. “Se soubesse, não escreveria”, afirmou Juan Goytisolo. “Comecei a escrever porque queria ser famoso e rico”, ironizou Manuel Vázquez Montalbán. “Francamente, porque acredito que é o único meio que tenho de ser útil nesta vida”, afirmou Alfredo Echenique. José Saramago respondeu: “Porque estive estado calado durante muito tempo”, o escritor chileno José Donoso disse: “Escrevo para saber por que escrevo”. Para Jorge Luis Borges a razão de escrever era “para responder a uma urgência, uma necessidade interior”. Outros mais, sem distinção de língua ou nacionalidade, aludiam amor, a satisfação de escrever, como uma forma de evitar a morte, como uma via de conhecimento, ou a um imperativo da consciência e outras variadas razões. O escritor espanhol Luis Goytisolo resumiu: “Para ser, para conhecer. Para conhecer-me a mim mesmo através do que escrevi, para conhecer o mundo através de mim mesmo”.

Os cientistas dizem coisas semelhantes. “O que o homem busca, na sua arte, na sua ciência, é o significado. Não suporta o vazio”, escreveu o biólogo François Jacob. Esse prêmio Nobel francês, diz, em suas memórias, que a “investigação científica é um mundo cheio de alegria, de surpresas, de curiosidade, de fantasia”, “Com certeza, a investigação científica é a melhor maneira que o homem encontrou para desafiar o caos do universo, e para dominar a morte”. A bióloga Margarita Salas, para explicar sua dedicação à ciência: “Não tinha nenhuma vocação artística, então o que poderia ser, senão uma cientista?”.

A Poesia da Canção

Tristeza não tem fim, Felicidade, sim...
A felicidade é como a gota de orvalho,
Numa pétala de flor.
Brilha tranqüila. Depois de leve oscila.
E cai como uma lágrima de amor
A minha felicidade está sonhando,
Nos olhos da minha namorada,
E como esta noite, passando, passando,
Em busca da madrugada.
Falem baixo, por favor,
Pra que ela acorde alegre como o dia.
Oferecendo beijos de amor,
Tristeza não tem fim ...

Há 90 anos, no dia 19/10/2003, nascia o poeta Vinicius de Moraes, um dos maiores poetas brasileiros, que morreu aos 67 anos.

Jornalista, ensaísta, diplomata, crítico de cinema e compositor, Vinicius foi, mais do que qualquer outra coisa, um homem de excessos, um libertário. Casou-se sete vezes, teve cinco filhos e teve dezenas de amantes, ao longo de sua vida, marcada pela boêmia, noites de álcool e a criação.